

TRÂNSITOS E DIÁSPORAS: IMIGRAÇÕES PARA CIÊNCIAS, EDUCAÇÃO E ARTES

Resumo

O objetivo desta comunicação é apresentar uma introdução geral da questão migratória em suas várias dimensões humanas, sociais, culturais e subjetivas: Mobilidade (no sentido amplo e enquanto modo de vida presente e passado), migrações transnacionais (laborais, sociais, subjetivas, científicas, estudantis e artísticas – incluindo as figuras de refúgio e asilo), diásporas (nacionais, culturais, étnicas e também sociais e científicas).

Todavia, em função da natureza do presente encontro (Reunião anual da SBPC), focamos com especial atenção o papel das migrações no desenvolvimento econômico, social e humano e a chamada ‘fuga de cérebros / capital humano’ ou ‘mobilidade de competências’. Enfim, destacamos a centralidade das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) no cenário contemporâneo e sua relevância para a compreensão da temática aqui abordada.

A tese inicial do estudo é que a questão geral da ‘mobilidade de competências’ (técnicos, profissionais qualificados, cientistas, pesquisadores e artistas) não pode ser separada do fenômeno maior das migrações transnacionais, sua genealogia, morfologia, desenvolvimento e desdobramentos sociais, políticos e simbólicos. As migrações, por sua vez, devem ser abordadas enquanto componente estruturante da civilização humana e sua evolução através da História.

Tanto a paleontologia e a biologia como a arqueologia e a historiografia deixam evidente o papel fundamental das migrações na configuração de que veio a ser a Humanidade, na formação e extinção de agrupamentos civilizacionais e na prosperidade e decadência de impérios, reinos e nações. Império romano, califado islâmico, império otomano, cruzadas ou rota da seda são apenas a parte visível e documentada das trocas sociais decorrentes dos deslocamentos de pequenos ou grandes grupos humanos.

Trocas comerciais ou guerras não deixavam de representar oportunidades e alibis para a mobilidade de importantes contingentes populacionais, muitas vezes embaralhando os mapas culturais, linguísticos e religiosos que, paradoxalmente, são hoje investidos de uma falsa aura de pureza e autenticidade. As linhas de separação ou frentes de guerra, antes de dividir as populações, sempre constituíram espaços de interação humana e de produção de sensibilidades e subjetividades diferenciadas que buscam e atraem o Outro.

Assim, a análise aqui proposta adota uma perspectiva histórica para explicar que, longe de serem um fenômeno exclusivo à contemporaneidade, as migrações constituem, na verdade, um impulso inerente ao humano, fundador de seu devir e imprescindível à evolução da espécie. Valendo o mesmo para a questão da mobilidade das competências (o deslocamento de cientistas, filósofos e artistas) enquanto realidade que pode ser acompanhada e comprovada desde a antiguidade e em todas as partes do globo.

Porém, não se pode ignorar ou negar as particularidades do fenômeno migratório e a mobilidade das competências no contexto específico da contemporaneidade. A paisagem migratória mundial vem, com efeito, sofrendo transformações radicais e inéditas, devido a fatores de ordem política, econômica, organizacional, social e psicológica.

A aceleração e barateamento dos meios de transporte, o avanço do processo de globalização, a revolução tecnológica midiática e a tomada de consciência da possibilidade de mudança da trajetória pessoal são alguns dos fatores que contribuíram para essa transformação radical em nosso modo de estar-no-mundo. Assim, a compreensão da questão da mobilidade do capital humano exige que seja, necessariamente, conjugada ao quadro simbólico, psicológico, tecnológico e político – e não apenas o econômico e material.

De fato, nosso estudo não deixa de salientar a natureza subjetiva do fenômeno migratório. Além de todas as injunções materiais e econômicas, não se pode negar que as migrações são também e, às vezes, sobretudo de ordem imaginária e simbólica. Resultado não apenas do barateamento e aceleração dos meios de transporte, mas antes, da intensificação e densificação dos meios de comunicação.

Mobilidade cada vez mais célere que, a cada deslocamento, cada troca e cada contágio simbólico, enriquece a condição da espécie, a transforma e lhe dá um novo

significado. São laços de sentido que se tecem, se intensificam e se densificam, costurando a teia simbólica global que vem cobrindo o mundo e transformando a sua morfologia social e humana a todos seus níveis; desde o discursivo e imaginário até o físico e biológico. De fato, não seria temerário afirmar que o próprio processo de estruturação da semiosfera planetária é profundamente tributário dos fluxos humanos e seus rastros existenciais; de tal modo que não há como dissociar a civilização humana de sua experiência migratória original e contínua.

Fluxos midiáticos que se sobrepõem aos fluxos humanos para formar uma nova esfera existencial, na qual o sujeito, antes mesmo de deixar sua terra natal, já se encontra desterritorializado e inserido em redes sociais reais, virtuais e simbólicas que desconhecem o substrato espacial e ignoram o pertencimento territorial. É particularmente o caso na mobilidade de artistas: busca pela inspiração, ambiente mais propício à criatividade, condições materiais e tecnológicas que viabilizam o investimento na carreira artística, liberdade de expressão, etc.

Assim, de um lado, as diversas formas de expressão artística se encontram hoje cada vez mais globalizadas e inseridas nos fluxos materiais e simbólicos, midiáticos e subjetivos que envolvem o planeta. E, por outro lado, a presença de diásporas artísticas, a multiplicidade de linguagens e sensibilidades, e existência de um mercado aberto à diversidade é uma das principais marcas das metrópoles globais.

Interconexão tecnológica e midiática do planeta que se traduz pela na unificação gradativa dos imaginários, subjetividades e códigos éticos e estéticos de seus povos e nações. O que acaba acentuando mais ainda o desejo de migrar em todos aqueles que sonham em participar da festa de consumo e gozo ininterrupto, celebrada em cores e alta definição pela mídia global.

A subjetividade contemporânea é, de fato, em grande parte produto dos agenciamentos tecno-midiáticos, responsáveis pela reconfiguração de nosso real e a instituição da mobilidade enquanto princípio estruturante de nosso estar-no-mundo. Mobilidade dupla e dúbia que supera o físico e espacial e o projeta na esfera imagética global, convertendo as subjetividades móveis e migrantes em migrações subjetivas – impelidas não por necessidades materiais objetivas, mas, antes, pelo desejo de realização pessoal simbólica e, justamente, subjetiva.

Quando se trata da nevrálgica questão da fuga de cérebros, a espiral fica mais dramática ainda nos países e regiões tecnologicamente menos avançados; já que o contato com esses fluxos acarreta novas demandas e exigências sociais e subjetivas, incompatíveis com a realidade local. Portanto, são justamente aqueles indivíduos nos quais mais se investe em termos de formação, para suprir às necessidades nacionais em competências, que são mais propensos e suscetíveis às migrações subjetivas. Os deslocamentos físicos são, assim, a consequência lógica do processo; causando enorme prejuízo econômico (a falta de competências) e social (a perda do potencial humano criativo e transformador).

No entanto, outra constatação teórica e empírica da qual parte a nossa análise é que, diante desses fatos quase ontológicos, não há remédio ou luta possíveis. Nem a autoridade política (na sua forma burocrática) nem o apelo ao sentimento patriótico (na sua versão demagógica) são capazes de frear a hemorrhagia de cérebros, competências profissionais e potencialidades inovadoras.

Não há como reverter essa situação complexa recorrendo a ações simplórias oriundas de outra época, quando os pertencimentos e identificações ainda eram exclusivos e irreversíveis. Enquanto o atual quadro identitário global é, em grande parte, marcado pelas múltiplas lealdades, pluripertencimentos e subjetividades transnacionais. Assim, o desafio é buscar a melhor maneira de tornar benéfico o inevitável; imaginar arranjos sociopolíticos transnacionais capazes de fazer da mobilidade humana e da integração dos circuitos midiáticos uma vantagem e força, não um empecilho ou fraqueza; projetar estratégias de ordem tanto prática e material como subjetiva e simbólica para reformular os sentidos de pertencimento e identificação, lealdade e reconhecimento.